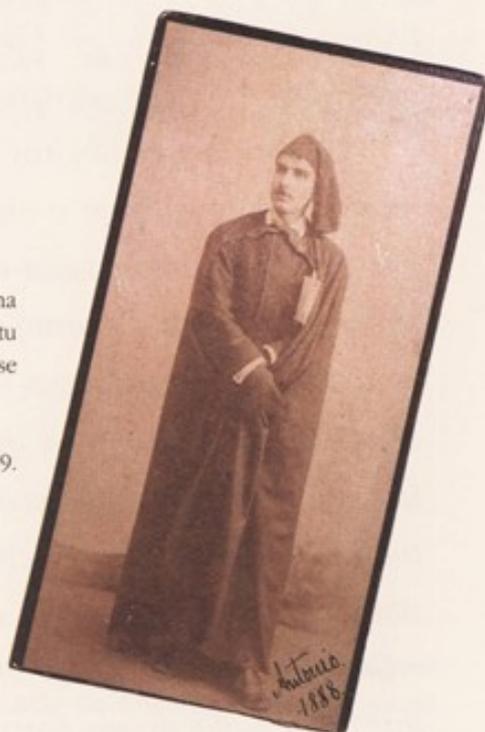


TRÊS CARTAS DE ANTÔNIO NOBRE
A ALBERTO
DE OLIVEIRA

«No alto da página dizes: Meu amor. Por um acaso vi, uma linha acima, qualquer coisa que está imperceptível. Que escreverias tu primeiro? Não sei. O que é certo é que está raspada uma frase qualquer, da qual eu distingo unicamente um — Meu. Quem me dera saber...»

ANTÔNIO NOBRE, *Correspondência com Cândida Ramos*, p. 78-9.



Transcrição, notas e comentário
por
Vera Lúcia Vouga



Quinta feira

28.11.1889.

Estrada da Beira,

Coimbra.

Alberto,

Quando, bontem, ao almoço lia a gazeta, esquecendo-me da costelleta, para sô vêr o que a Havas notificava de interessante sobre os Estados Unidos do Brazil. — levanti-me [sic], subito, ao lembrar-me das exequias do rei Luiz.¹ Dobravam a finados as cabras e os cabrões² da Torre quadrada da Universidade e sô essa berraria de bronzes, foi capaz de me acordar do somno diplomatico em que as communicações do Fio haviam mergulhado a minha cabeça: Mas, presto, mal acordado, immediatamente, larguei a Havas e a costelleta e, posta a capa, parti sem demora para a Real Capella da Universidade, na indeclinavel missão de cumprir bem e sempre os meus deveres de 1.º addido à Legação da Cabula.

Os mais companheiros do Livro ja là se achavam, ba muito e em dois minutos me contaram o enredo do 1.º acto da Comedia Funebre, a que não tinba assistido. Massa-me immenso, meu pequeno Alberto, a realenga lembrança de tudo quanto vi em caza de Jezus, desde o lanzudo Prelado, enfaixado de Gran-Cruzes,³ até aquelle vermelbinho carteiro que tu sabes, com voz de Libaninho, e que usa fazer de contralto nas Operas e operetas que a Universidade leva à scena.⁴ O pobre homenzinho foi uma victima de todos nòs: là em cima, no Côro, não podia tirar os olbos da partitura, porque se os tirasse encontrava logo mil e um com o sabre, onde rebrilhava, às lampadas, um monoculo quadrado. E o Porphirio a cantar?⁵ Era o Stagno na Favorita: sô tinba a mais o capello. E por isso, por me massar escrever-te sobre taes coisas, espero que tu venbas para então, com vagar e colorido fazer a narração da festa a que tiveste tanta pena de faltar. Não tenbas pena: bouve discurso, o organista parecia Rochedo,⁶ o Pedro⁷ estava là, não havia mulheres bonitas. Ab, sô uma, a «Coimbra-em-fralda»,⁸ que, pequenina, toda de negro, parecia Nossa Senhora que tinba descido do altar.

⁴ A identificação desta figura é problemática. O teor profundamente irónico da carta pode fazer admitir a hipótese de a designação «carteiro» ser metafórica. No entanto, este personagem parece acumular um especial sarcasmo, talvez demasiado palpável para ser meramente metafórico, até pela identificação com o efeminado Libaninho de *O Crime do Padre Amaro* (1.ª ed. em vol.: 1876).

É talvez de admitir a hipótese de, dada a necessidade de um muito específico tipo de voz ser tolerada (num meio fundamentalmente académico), a participação de um distribuidor de correio. Segundo parecer do Dr. Carlos Serra (cf. nota 1), seria talvez elucidativo proceder à indagação do pessoal da Capela, à data; o que não foi viável, por motivos de obras no Arquivo da Universidade. Entretanto, procedendo a uma minuciosa consulta de *O Conimbricense*, foi-lhe possível detectar duas notícias de celebração de exéquias, na Igreja de Santa Cruz, por iniciativa dos «distribuidores telegrapho-postaes» da cidade (jornal cit., n.ºs 4399 e 4400, de 29/10 e 2/11 de 1889). Uma simples coincidência?

⁵ Trata-se de Porfírio António da Silva, lente de Teologia Dogmática até 1911, e de História desde então até 1914 [cf. José M. Amado Mendes, «A História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Investigação e Ensino (1911-1926)», in *Universidade(s): História, Memória, Perspectivas. Actas do Congresso «História da Universidade» (No 7.º Centenário da Sua Fundação). 5 a 9 de Março de 1990*, vol. 1, Coimbra, 1991, p. 487-8].

⁶ Provável trocadilho com o apelido de Pedro Penedo; cf. nota 7.

⁷ Referência a «Pedro Penedo», de seu nome verdadeiro Pedro Monteiro Castelo Branco, lente de Direito, professor de Nobre e um dos agentes das suas reprovações (cf. Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, 3.ª ed., Bertrand, 1979, p. 56, 64, 81 e 110). O poeta satiriza-o magistralmente em «Carta a Manoel», tendo-se tornado, por ironia do destino, o grande responsável pelo perdurar da sua memória. Numa página do Código Civil onde havia bastante espaço em branco, escreveu o poeta esta sequência satírica, aparentemente inacabada, até pela rima do último verso: «Ó Pedro, alli, na cathedra sentado / Como o da Russia, no seu throno immenso / Em vez do Sceptro e a Corôa, tens ao lado / Codigo, caixa de rapé, e lenço. / Tu podes ser a ele comparado / Em tudo, és grande como elle è, teras scenso / E, à semelhança, d'esse paiz gelado / Cà tens os ursos a quem dâs o penso! / No entanto, ó Pedro! aviso-te, Cautella!» (Biblioteca Pública Municipal do Porto, Espólio António Nobre, Museu de Autógrafos).

⁸ Não disponho de meios para identificar a mulher assim referida. Pode mesmo tratar-se de uma designação que tenha apenas circulado entre os dois amigos. O tratamento é pouco elogioso, sugerindo desleixo ou licenciosidade; no entanto, se a pessoa em causa, tão adequadamente vestida nesta circunstância, estava presente nas solenes exéquias organizadas pela Universidade, é porque provavelmente, além de bonita, pertencia a uma classe social elevada. Quem sabe se não seria a mulher de um dos odiados lentes ou de alguma autoridade cidadina? A sua transformação em figura Mariana é muito característica da poética de António Nobre.

ANTONIO PEREIRA NOBRE

Domingo
15.12.1889.

Estrada da Beira,
Coimbra.

Alberto,

Procurei-te, ha bocado, mas disseram-me o que tu, bontem, mesmo me barias dito: — «O menino foi para Nazareth».⁹ Sim. Estàs em Nazareth, na companhia lâ dos teus dois hospedes, esses «Pazes-de-Coito»;¹⁰ andas enchendo-te de verde, com essa fome singular dos olbos, que ha tanto tempo não digerem mais que a lettra dos Codigos. Pois eu, Poeta, lâ me fui até à assembleia geral, contrariado, aborrecido, porque os meus olbos a ganir de Azul, não me pediam os gestos largos dos nossos oradores, pediam-me Campo. Assisti à reunião, Assisti à reunião, [sic], ect, [?] ect, cujo fim era pedir dois feriados para prolongamento das ferias, e nomear comissão que fosse a Lisbôa cumprimentar o rei Carlos pela sua ascensão ao Throno.¹¹ Que indignidades! Afinal, convencendo-se d'isto mesmo, n'um momento de altiva reflexão, a D. Academia Zé da Cunha,¹² não aprovou nem uma, nem outra coisa. Houve scenas de epatar! Curioso notar nas assembleias geraes, os ciumes dos graciosos, atirando estocadas de ditos, de camarote a camarote, n'uma sedenta furia de renome, que de resto sô isso è o que agora e sempre agitou o coração destes nossos contemporaneos, membros da Universidade. Ab, [?] Que academia inferior esta! Que desiluzão não tive, o anno passado, ao perceber logo no primeiro dia, que eu era um producto mais civilizado, mais elevado, exotico no meio d'esta banalidade coimbrã. E, assim, perdi todo o enthusiasmo que de minha terra trouxe, em meu espirito agazalbado de ha muito, desde a hora em [sic] me destinaram a vir para Coimbra. D'abi, provem o meu affastamento, a minha vontade de estroinar, de me divertir, fôra d'esta Baixa cheia de lama e d'aquella Alta cheia de Universidade. Bemdito sejas tu, que andas a esta hora alguns kilometros de aqui, passando alma nas collinas da Paz. Bemdito Alberto. Traze-me um bocado de herva para eu comer: estou farto da alimentação dos homens. Traze-me a do Pegazo.

Abraço-te.
Antonio.

rer a forma Coito. A alternância, correntíssima, dos ditongos *ou* e *oi* pensa-se que tenha começado a acontecer pelo século XVII (embora dela já ocorram exemplos no teatro de Gil Vicente), quando o ditongo *ou*, proveniente do *au* latino, começou a tornar-se monotongo, em certas zonas (cf. Paul Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, trad. de Celso Cunha, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 52-3).

Nada admira, pois, que um poeta use ou mesmo reinvente as possibilidades que a língua lhe oferece. Fê-lo Mário de Sá-Carneiro, criando um diferente valor estilístico para oiro/ouro. António Nobre era a este nível, como a todos os outros, hipersensível. Investia na língua a atenção de uma ternura demorada, numa degustação de todos os aspectos, do semântico ao sonoro e ao visual. (Cf. «António Nobre: os Versos Radicais» no mesmo n.º desta revista, p. 87.) Parece oportuno lembrar que o seu desinteresse final por Charlotte ele o atribui à forma intolerável como ela pronunciava «mantéeiga» (*Correspondência*, cit., p. 103); a irritação que lhe produzia a pronúncia «Sociólógia» por um dos seus professores de Coimbra (*Ibid.*, p. 60); o estado «Incomodadíssimo» em que o põe o «pronunciamento» de Oporto (*Ibid.*, p. 139); a novidade deslumbrada e frívola que lhe desperta o lexema «Portugal» escrito: «[...] Portugal, a linda nação onde tu moras, cujo nome, aqui, não sei se por o ouvir citar e escrever, todos os dias, se me afigura caligrafado e em som, cheio de Ar, tom, alegre, elegante. Olha aquele t: — não te parece, tal qual, o Toy?» (*Ibid.*, p. 118).

No que respeita à oscilação *oi/ou*, Nobre faz dela um uso estilisticamente claro nas várias vezes em que refere Eduardo de Sousa como o Soisa, sempre com uma leve ironia; no entanto, no momento em que o julga numa situação grave, designa-o, compungido, por Sousa (*Ibid.*, p. 13, 86, 93, 94, 95, 140 e 137, respectivamente). Utilizando a forma Coito estava a optar, dentro ainda das possibilidades da língua, pela forma mais álcere e também a que se prestava ao trocadilho malicioso que explicita noutra carta: «[...] a influência salutar que em teus olhos e espírito há exercido coito, sem coito [...]» (*Ibid.*, p. 72). Paz-de-Coito ou paz-de-Coito aparece em outras cartas (*Ibid.*, p. 86 e 83) designando um estado de espírito absolutamente sereno, podendo ser levado à total ausência de desejo.

¹¹ Numa breve carta datada de 23-X-89 escreve Nobre a Alberto de Oliveira: «Fui nomeado na Comissão para ir a Lisboa», facto que relembra, ao falar do Conde de Sabugosa em carta de 10-XII-1891: «Conheci-o uma vez no Paço de Belém, quando tive a ridícula ideia de ir numa comissão a Lisboa» (*Correspondência*, cit., p. 23 e 165). A ser correcta a datação desta carta, temos que admitir que se fala de duas diferentes Comissões: a primeira, de que fez parte o poeta, já constituída quatro dias depois da morte do rei D. Luís (que faleceu em 19-X-89), provavelmente para apresentar sentimentos em nome da Universidade de Coimbra; a segunda, discutida quase um mês depois, para cumprimentar D. Carlos pela sua subida ao Trono, pelo que conta a carta, não chegou a ter lugar.

¹² Não pude apurar se esta designação se apoia em algum referente concreto. O que mais prontamente ocorre, numa carta onde a crítica à Universidade é tão acutilante e acerada, é fazer de «Zé da Cunha» (no sentido de «pedido») uma designação paralela, por exemplo, à de «Zé Povinho». Mas isto é apenas uma hipótese de leitura que o teor da carta permite.



Alberto de Oliveira

Domingo
29.XI.1891.

31, boulevard St. Michel
Pariz.

Alberto,

Meu querido Alberto, olha: se tornas a escrever-me mais outra carta como a de hontem, levas uma d'estas sovas de beijos que te bão de marcar. Não, não se è assim tão imprudente com um doentinbo como Antonio. Cautella, mais cautella... Toda a gente a olhar para mim, à meza, enquanto a lia; os ovos a arrefecerem, eu sem comer e, afinal, acho que nem comi, foi-se-me o appetite embora. Saí. Para ir aonde, sabes? À Egreja de St. Germain, no boulevard, orar por ti à Nossa Senhora de Anthero,¹³ por ti accender-lhe uma vèla, por tua intenção. E assim fiz. Cbeguei. Assentei-me defronte d'ella, n'uma linda cadeira de palbinha; olbei-a durante uma bora toda e, n'algum intervallo de distracção, abrindo o Shelley onde guardara a tua Escriptura, lia-te, Alberto, com os olbos orvalbados, beijava-te. Rezei uma Ave-Maria, com muita devoção. Levantei-me, comprei por 5 sous uma esguia vela de cêra (no talbe, Margareth; Alice, na côr)¹⁴ e fui pôl-a accesa, mesmo diante de Nossa Senhora do Anthero. E commigo murmurava: -dâ saude, talento, felicidade ao Alberto!- Ô Alberto, como tu me fizeste bem! Eu que já andava um bocadinbo zangado por não me fallares de Lar, recebo inesperadamente uma d'estas chuvas de leite, que nem na Mancha a do mar-bravo. Ainda me sinto molbado, mas não me mudo que estas chuvadas não constipam. Mas sabes d'onde especialmente proveio meu extasi d'hontem? De ti, sô de ti. Não é tanto pelo sonbo, pela alma da carta: mas pela graça, pelo encanto, pela frescura, pela ingenuidade que de ti resultam. Has de ser sempre o Purinbo do João Moca¹⁵ e è isso que me encanta. Não, não ha mais ninguem como Alberto. Ès o primeiro rapaz de Portugal. Convenci-me, hontem, que mora dentro de ti um enorme espirito. Questão de idade, apenas. Aos 30 annos, que livro não faràs tu? Pois não serà superior às superiores uma Alma que se deixa voar n'uma tão extraordinaria sede de sonbo, n'essa espantosa anciedade, de Lar, de Paz, de Ventura que tu tens e que serà preciso Nossa Senhora D. Margarida¹⁶ se esqueça de nós, para que o cêu t'as não dê. Impossivel moral, como o meu naufragio em -Droit-, ou no Canal da Mancha. Sem tu seres feliz não o serei eu. Ouve. Eu já estou um pouco habituado à Dôr não me surprehenderia tanto a minba desgraça, mas tu, Anjo, sem calculares o que isso è, com o rosto liso, virgem de prêgas e com tal ancia de paraizo na Terra, — ob fôra terrivel, terrivel, terrivel! Morreria contigo. È, por isso, absolutamente indispensavel que corramos sempre de mãos ambas: nem eu, nem tu faremos coisa alguma sem meditar no que vamos fazer. Adquirida a Paz, tóca e de là não sair. Tenbo um programma de vida em esboço e que te direi quando vieres: é muito longo (embora muito simples) para ir em carta. Da minba vida, em Vill'Alva,¹⁷ nota. Da que, até então, terei qualquer bora t'a mandarei. A minba vida em Vill'Alva, Ô Alberto! a nossa vida em Traz-os-Montes (atrás dos montes)!

domingo
27. XI. 1891.

31. boulevard St. Michel
Paris.

Alberto,

Meu querido Alberto, olha: Htonas a 4-
correr-me mais outra carta como a d'Antoni,
ouas uma d'estas folhas de lei, q's que te l'eo
de marcar. Não, não u' e' assim tão impu-
dente com um doente como Antonio. Cau-
tilla, mais cautilla... Toda a gente a olhar
para mim, a minha, enquanto a via; os meus
a amplexarem, eu sem corar e, afinal, achos
que nem comi, foi-se-me o appetite subor-
tão. Para ir aonde, tolas? A' Igreja de St.
Germain, no boulevard, nor por te a' mor-
ta futura do Antõnio, por te acender-me
uma vela, por tua intenção. E assim fiz.
depois. Astante-me de frente d'ella, n'uma
linda e odiosa de Kalkincha; olhei-a da-

rente uma hua toda e, n'algun intervalo de
distracção, abmido o Thelley onde guardava
a tua scriptura, lia-te, Alberto, com os
olhos molhados, beijava-te. Fizei uma
Ave-Maria, com muita devacão. Levan-
tei-me, comprei por 5 francos uma esquia vela
de cera (no talhe, Margareth. Alice, na c'ra) e
foi p'ra casa, mesmo diante de Nossa Se-
nhora do Antõnio. E comomeo murmurava:
"da saúde, tabito, felicidade ao Alberto!"
A' Alberto, como te me fizeste bem! Eu que já
andava um bocadinho gançado por não
me fallares de Lor, recebo inesperadamente
uma d'estas chumas de leite, que nem
na mancha a do mor-bono. Ainda me
vinto molhado, mas não me mudo que es-
tas chumadas não constipam. Mas esly
d'onde especialmente p'nelis meu extaci
d'Antoni. ? E ti, sò de ti. Não e' tanto

NOTAS III

¹³ Ao nível de uma referencialidade imediata, somos naturalmente levados a pensar que se trata de uma igreja muito próxima (o poeta residia então no Boulevard St. Michel), a mesma que ele refere numa anotação do seu pequeno livro de apontamentos (Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, *Espólio António Nobre*, fl. 15-16): «Promessa que fiz, hoje, em St. Germain des Près: se concluir bem meu curso, se triumphar com meu livro, se cazar com Margareth, — mandar collocar uma lapide de reconhecimento, n'essa egreja, podendo ser là, e durante um dia, (que poderá ser o da minha partida) quererei que seja allumiado todo o altar a Nossa Senhora. E se o meu Pae viver ainda darei mais, n'esse dia, 100 francos aos pobres de Paris. 15/11/1891. Antonio» (publicado em António Nobre, *Alicerces seguido de Livro de Apontamentos*, Leitura, Prefácios e Notas de Mário Cláudio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p.135-6). Pouco religioso mas muitíssimo affecto a uma religiosidade icónica e táctil, Nobre prodigaliza-a na complicada rede da sua obra-vida. Naturalmente, Nossa Senhora,

pelo corpo, pela alma da carta: mas pela
 graça, pelo encanto, pela preciosa, pela
 importância que de ti resultam, das de ser um
 pe o Purinho do João Ilieca e é isso que eu
 me conta. Não, não há mais ninguém como
 Alberto: é o primeiro rapaz de Portugal. Que
 veni-me, homem, que uma carta de ti um
 nome espírito. Substância de idade, apenas.
 Aos 30 anos que lido não fazes tu? Tu
 não és superior ~~as~~ superior, uma alma
 que se diga por alguma tão extraordinária,
 na rede de sonho, na sua expressão de
 doce, de Luz, de Luz, de Ventura que tu tens
 e que me peço. Nossa Senhora D. Maria
 guarda a imagem de nós, para que o céu
 não se. Impensável moral, como o meu
 naufragio em "Dreit", ou no Casal da
 Montanha. Tu tu és feliz não o sei eu-
 duar. Que já estás em grande habituação
 a Luz não me surpreenderia tanto a

minha desgraça, mas tu, Anjo, um Cal-
 culador que isso é, com o batolito, mi-
 guma de fúrias e com tal ansiedade de pa-
 raço na Terra, - oh fúria terrível, terrível,
 tremul! Monstruosa contig. O, por isso, abso-
 lutamente indispensável que comas sempre
 de mãos amadas: nem eu, nem tu fazemos coi-
 sa alguma sem meditar no que vamos fa-
 zer. Adquirida a Paz, toca e de lá não sa-
 ir. Tenho um programa de vida em este
 e que te envi quando vier: é muito
 (mas) embora muito simples) para ir me con-
 ta. Da minha vida, em Vill'Alba, nota-se
 que, até então, ~~há~~ querer uma 11a man-
 dança. Aminha vida em Vill'Alba, o Alberto!
 a nova vida em Tragos-Altoz (atraz
 dos montes)!!

com a sua irresistível imagem de Mãe, merece-lhe uma especial preferência. Dela decorrem grandemente a imagem materna de «Memória» e a da noiva em «Purinha». No entanto, o epíteto de santo não se resume a elas (cf. «António Nobre: Os Versos Radicais», neste mesmo n.º, p. 87).

Assumindo, como lhe era habitual, uma espécie de direito legítimo de refazer o mundo, António Nobre fala nesta carta de «Nossa Senhora de Anthero». Tudo neste contexto leva a excluir a hipótese de tratar-se de Antero de Figueiredo, com quem chegou a corresponder-se, pelo menos mais tarde (cf. *Correspondência*, cit., p. 403-5); a personalidade referida é decerto Antero de Quental, por quem António Nobre sentia uma admiração cívica inquestionável e uma espécie de adoração poética. Alguns passos da sua correspondência ilustram sem margem para dúvidas esta dupla veneração: «Se houvesse sete Anteros, em Portugal, para formar um gabinete, era o único meio de desafrontar o País» (*Ibid.*, p. 88); «Ventura! Onde está ela? [...] li o artigo do Junqueiro, rezei sonetos de Antero e como que a bondade gradual deste Deus me entrou pela alma dentro» (*Ibid.*, p. 168). O verbo utilizado, rezar, mostra bem a intensidade que o A. punha em certos afectos.

Sirva este exemplo, aliás, para repensar a espalhadíssima ideia de que a cultura livresca de Nobre era muito reduzida, facto que ele próprio ajudou a sustentar. Se, por um lado, é verdade que não era muito extensa, por outro lado a leitura dos seus papéis mostra que compensava, ainda que exprimindo-o displicentemente, essa modesta extensão com uma pessoa-líssima intensidade no amor dos textos que amava. Assim, sendo facto sabido como lhe foi tardia a leitura — integral, talvez — de Camões, é curioso notar, numa carta a Vasco da Rocha e Castro, o camoniano «Não sei de nojo como o conte» (*Ibid.*, p.141); ou na sua célebre visita ao «Altíssimo» [Eça], o modo como deixa entrever a inequívoca admiração pela sua obra-prima: «Eu lamentei que *Os Maias* ainda fossem tão curtos» (*Ibid.*, p.131).

A ideia da «Nossa Senhora do Anthero», verbalizada nesta carta, poderá talvez provir de um dos sonetos «A M. C.», «No Céu, se existe um céu para quem chora», ou sobretudo do soneto «À Virgem Santíssima», «Num sonho todo feito de incerteza», (Antero de Quental, *Sonetos*, ed. organizada e prefaciada por António Sérgio, Lisboa, Sá da Costa, 3.^a ed., 1968, p. 23 e 114-5, respectivamente).

Aliás, em *Palavras Loucas* (1894), Alberto de Oliveira diz (no artigo «Carta do Bairro Latino», datado de Paris, 1892): «Por qualquer palpite que lhe [a António Nobre] saia certo, ou dia seguinte em que anteveja agoiro, o verão ir acender velas e fazer votos solitários a *Saint-Germain-des-Près*, onde há uma Virgem Santíssima que ele supõe ser a inspiradora do grande soneto de Antero.» (sublinhados nossos). Citamos pela 2.^a edição, Porto, Civilização, 1984.

¹⁴ Margareth é a designação que, numa esfera restrita, António Nobre dava a Margarida de Lucena, que durante anos considerou sua namorada e se julga ter sido (pelo menos em parte) a inspiradora de «Purinha».

Alice, várias vezes referida em cartas, é manifestamente a mulher por quem, na época, se interessava Alberto de Oliveira. Em data anterior tinha Nobre uma vez falado de «Alicite» como o perigo que adiante cito: «[...] Alicite, Paz de Coito, proibição de receber telegramas, tudo isto acabará por te esterilizar, tornando-te o que penso é sina dos meus amigos» (*Correspondência*, cit., p. 86-7). Mais tarde, a bordo do *Britannia* rumo a Paris (24.x.1890), o poeta refere-se ao «enredo» Alberto/Alice como coisa afável, embora tendendo para o cliché: «Uma nota curiosa desta manhã: um casal de passarinhos do tamanho de cotovias tem vindo a acompanhar o vapor, em pleno alto-mar, tão longe de terra [...] Pobres Almas de Alice e Alberto!» (*Ibid.*, p. 115-6).

¹⁵ Sapateiro de Leça da Palmeira, proprietário de uma pequena casa onde Alberto de Oliveira e António Nobre tinham veraneado. No soneto «Ao Alberto», analisado em «António Nobre: Os Versos Radicais», cit., a casinha térrea é evocada como a «*Thebaida* do Sr. João».

¹⁶ Duas Margaridas povoam a obra de Nobre: a primeira, correntemente por ele designada por Margareth, Margarida de Lucena, com quem nesta mesma carta ele dá a entender que casará. Com efeito, Vil'Alva era uma quinta da família de Margarida. A segunda é D. Margarida da Rocha e Castro, mãe do seu amigo Vasco da Rocha e Castro, figura de funda referência maternal nos seus tempos de Coimbra, de cujo declínio físico e morte tomamos conhecimento através da correspondência e da própria obra. É ela a inspiradora da magistral evocação de «Na Estrada da Beira». Em casa dela tinha Nobre conhecido Margarida de Lucena, quando esta tinha apenas treze anos. Numa carta datada de 12-XI-1891, posterior à morte da bondosa senhora, escreve o poeta: «Santa Margarida, lá do céu, olha por mim» (*Correspondência*, cit., p. 156).

Dado o estado de extremada santidade com que o poeta retrata ambas, acontece que «Nossa Senhora D. Margarida» tanto pode referir-se a uma como a outra, respectivamente velando, do céu ou do lar de Trás-os-Montes, pela felicidade de Anto. Ou estarão ambas fundidas na mesma referência?

¹⁷ Propriedade da família de Margarida de Lucena, onde, nesta carta, Nobre parece ter como projecto viver depois do casamento.

NOTÍCIA DE UMA CHUVA DE LEITE, MARÉ VIVA SOBRE TODOS OS DIQUES

(comentário às três cartas anteriores)

É sempre com um certo mal-estar que analisamos ou sequer tocamos o que constitui a esfera de intimidade de alguém, a não ser que a pessoa em causa, numa cumplicidade de qualquer tipo, a isso nos convide. Mesmo o seu silêncio, tantas vezes por simples falecimento, nos recomenda mil cuidados, uma extrema delicadeza, se não queremos ter a dolorosa sensação de violar um território que é animalmente pertença de outrem, onde tantos factos correrão o risco de sair desfocados e outros cruelmente expostos, numa praça pública onde proliferam olhares muito diversos, alguns portadores da curiosidade antiga com que festivamente assistiram a incinerações purificadoras. Que importa? O preço, alto, é o que tem a pagar quem decida ir ao fundo mais fundo que a documentação permita. Sem recear fazer face a qualquer surpresa que a investigação proponha, habituado a conviver com a inevitável emoção que o conhecimento mais-do-que-palpável do testemunho escrito de uma vida que já foi lhe pôe nas mãos, este garimpeiro trabalhará com longa minúcia e delicadeza para pôr a nu o brilho irresistível de qualquer pepita. Que depois não pode guardar porque não lhe pertence. Nunca pertencerá.

Quando, há anos, comecei a trabalhar no Espólio de António Nobre, encontrei na Biblioteca Pública Municipal do Porto (Museu de Autógrafos), entre outros manuscritos que tenho estudado, um conjunto de três cartas que me deixaram particularmente comovida e perplexa. Eram três cartas a Alberto de Oliveira, um destinatário que sabia único na correspondência de Nobre. As cartas, género em que a revelação da intimidade é figura tantas vezes prenante, sendo a Alberto de Oliveira, provavelmente, pensei, fariam mergulhar no seu mais fundo abismo. Uma primeira leitura, cheia de hesitações caligráficas, pareceu dar razão a esta hipótese.

Guardei por muito tempo em casa as folhas microfilmadas. Quase as esqueci. Percebo agora que quis esquecê-las pelo que de pouco seguro teria de escrever aquando da sua publicação: que as cartas eram inéditas. Assim o julgo. De facto, desde o momento em que pela primeira vez verifiquei que estas cartas não estavam incluídas nem nos volumes de correspondência do A.¹⁸ nem em qualquer revista que me tivesse passado pelas mãos, nada se modificou. É pois altura de, com as devidas cautelas, pôr nas mãos dos leitores esta pepita que

não descobri, apenas encontrei. Se, como julgo, não foi ainda publicada, embora estando disponível numa biblioteca pública, por que estranho privilégio teria acontecido ficar para mim o dever de a revelar? É uma coisa que não sei, mas se prende, talvez, com a especificidade das cartas. Vejamos.

O que sabemos da correspondência de António Nobre com Alberto de Oliveira é o que narra Guilherme de Castilho na sua fundamental biografia do A.¹⁹ e, sobretudo, na «Introdução» à *Correspondência*²⁰. Conta o biógrafo que, tendo visitado o destinatário desta preciosa correspondência, pôde ainda vê-la e avaliar o seu volume global; que Alberto de Oliveira, alegando o carácter particularíssimo das cartas, não lhas tinha facultado para sua investigação, pensando, no entanto, vir a aproveitar algumas numa obra de sua autoria. Uma qualquer coisa (muito plausivelmente a morte) o impediu de levar a cabo esse projecto. As cartas tinham, entretanto, sido emprestadas a Augusto Nobre, o dedicadíssimo irmão do poeta a quem se deve a preservação dos seus papéis, que tinha copiado uma parte significativa delas para o livro *Leça da Palmeira. Recordações e Estudos de Há Sessenta Anos*²¹, onde, devido à avançada idade do autor, haveria muitas gralhas e imprecisões. Devolvidas ao destinatário, as cartas tinham sido, depois da sua morte, destruídas, por expressa vontade de Alberto de Oliveira. Para publicá-las da forma mais fidedigna possível, Guilherme de Castilho conta então ter-se socorrido das cópias manuscritas feitas por Augusto Nobre para a elaboração do livro citado.

Sabendo tudo isto, nenhum estudioso da obra de António Nobre depara de ânimo leve com três cartas a Alberto de Oliveira. Por duas razões evidentes: por um lado, se se trata de um fundo conhecedor da experiência nobriana e não de um crédulo espelho de míticas e inoperantes imagens, estas seriam, de longe, as cartas que mais desejaria conhecer; por outro, estas eram, a acreditar nas palavras do biógrafo, aquelas que tinha a certeza que nunca veria, pelo facto de terem sido destruídas. E instala-se a incredulidade; mais tarde, a dúvida sobre a total veracidade das afirmações de Castilho. Ora a questão, devidamente ponderada (inclusive à luz das outras cartas publicadas), perde este primeiro dramatismo de disjunção exclusiva; e acabamos por perceber que a veracidade das afirmações citadas e a existência destas cartas são duas realidades compatíveis.

Para melhor o entender, examinemos as três cartas reproduzidas em fac-símile e já transcritas. Imprescindível se torna entrar agora naquelas terríveis precisões que não deixarão de maçar muitos leitores. Mas que, falecidos os amigos de Nobre e já também (*bélas!*) os amigos dos amigos, são a única coisa que nos resta, se não quisermos virar a cara a esta chuva de mel que, como um afável aguaceiro de Verão, Anto deixou «à esquina do planeta»²².

Chamar a estas folhas três cartas é uma simplificação, orientada para a componente identificativa e funcional. O que, de facto, temos, é, por ordem cronológica, muito provavelmente: um rascunho de carta incompleto (I), uma carta (II)

e uma carta incompleta (III). Perante esta nova classificação, mais rigorosa, deverá pôr-se a dúvida sobre a legitimidade de publicar? Penso absolutamente que não, se o fizermos com toda a transparência (não há nisso, aliás, inovação alguma, uma vez que, felizmente para nós, Guilherme de Castilho inseriu na edição da correspondência rascunhos e cartas incompletas); pelo contrário, julgo que a existência destes diferentes estádios de acabamento textual é particularmente fecunda para a abordagem do autor do *Só*. Passemos, de imediato, à análise de cada texto.

I

Tudo à primeira vista parece indicar que não se trata de um rascunho, mas de uma carta, sobretudo se olharmos o início: limpo, espaçado, com uma escrita regular, muito legível, e uma única correcção. Mas, à medida que avançamos, logo que passamos para o verso da folha, o aspecto gráfico torna-se diferente. Menos regular, sofreu numerosas correcções estilísticas, claramente posteriores ao primeiro jacto de escrita. Os quatro quartos da folha de carta estão, pode dizer-se, completamente cheios, «neurose» que Nobre reconhecia ser muito sua em outros passos da correspondência²³. O claro inacabamento não é apenas dado pela ausência dos signos normais de conclusão — despedida e assinatura — como também pelas duas palavras finais da carta, que o *habitué* do grupo da *Bobemia Nova* prontamente admite que foram interrompidas quando o A. ia escrever «O Toy»²⁴. Simples intuição sem importância. O que aqui importa é que a carta foi bruscamente interrompida por um qualquer motivo que é hoje imponderável; e que, ao ser relida, foi muito emendada e não chegou a ser acabada.

Parece-me evidente que isto que vemos nunca foi mandado a Alberto de Oliveira: ou se tornou rascunho de uma carta que, toleravelmente limpa e acabada, depois lhe foi remetida, ou ficou como rascunho de uma carta que nunca chegou a ser. Suponhamos, por exemplo, que, antes de ser passada a limpo, se deu o regresso, imprevisto, de Alberto. Poderíamos estar hoje a ler, em primeira mão, ainda que inacabada, uma carta que o destinatário nunca viu. Especialmente relevante se afigura, portanto, este rascunho: por um lado, mostra até que ponto Nobre investia na escrita, mesmo numa carta informal e irónica; por outro, mostra como a conservava. Nada mais simples do que deitar fora uma folha inutilizada. Nem sequer seria preciso arrancá-la (como aconteceria se Nobre quisesse extirpar de outros autógrafos o que facilmente se percebe serem rascunhos de variada índole). Por isso, a conservação deste rascunho tem de ser vista como o acto voluntário que efectivamente é; só a vontade de preservar deixou que durasse até nós qualquer dos exemplos em estudo.

Chegados a este ponto do raciocínio, já nada nos admira que o texto exista na B. P. M. P. Se não foi enviado ao destinatário, não sofreu o holocausto atrás referido, sendo o seu lugar, muito naturalmente, aquele que sempre deve ter sido: entre os papéis do poeta. Uma evidência que me era esquiva.

Do ponto de vista do conteúdo, lembre-se a característica geral das cartas, a não ser das estritamente utilitárias: o estabelecimento de uma comunicação escrita entre pessoas ligadas por laços afectivos e fisicamente separadas. E se é verdade que os três textos transcritos têm como denominador comum o afastamento físico, a verdade é que o modo como o outro, ausente, é tido em conta, varia gradualmente de documento para documento. É nesta primeira carta, talvez a mais desprendida, que o ponto de vista do outro é mais tido em conta. A narração faz-se (ou diz-se feita) para compensar a manifesta pena de Alberto por não ter assistido à cerimónia. Não oculta o sujeito da enunciação o quanto o maça esta narrativa pormenorizada, sendo talvez essa uma das razões que o tenham levado a possivelmente não concluir a carta, no mínimo a ir perdendo a *verve* à medida que enchia toda a folha. Estamos, assim, perante o que Barthes consideraria ainda próximo da *correspondência*, por oposição à carta de amor, de que é exemplo acabado III²⁵.

I é um documento muitíssimo rico, do ponto de vista referencial, no que respeita à Universidade de Coimbra. Disso dão conta as informações contidas nas notas respeitantes a este texto, com algumas lacunas que não foi possível preencher. Mas toda essa referencialidade se torna distanciada por um olhar crítico, deliciosamente irónico, que tudo envolve, inclusive o sujeito autodiegético desta crónica.

E a esse nível é o primeiro parágrafo do texto decerto a mais elucidativa passagem. Reparemos que aqui ocorre uma figura que de novo aparecerá em III: a da alimentação como coisa secundaríssima, que se eclipsa quando um brilhante cometa flameja num qualquer céu. Não é, de resto, destino exclusivo dos alimentos, mas de qualquer outra coisa parasita, quando o sujeito vive o império totalitário da paixão. O esquecimento dos alimentos, sinédoque da humilde sobrevivência, é tópico presente em III, justificando o estado paroxístico da carta a sua plena funcionalidade. O que é curiosíssimo é já encontrar aqui essa figura, desencadeada por o que não é, ao fim e ao cabo, mais do que um acontecimento mundano. No conjunto das três cartas, esta passagem funciona como uma espécie de qualificação prévia: o sujeito da enunciação assume, mesmo antes da grande experiência da paixão, o comportamento extremo do apaixonado. Curiosíssimo é também o modo irónico com que ao mesmo tempo o descreve e dele se distancia. Algo me diz que a correção, na segunda linha, de «Provincia» para «gazeta», pondo este vocábulo a rimar com «costelleta», visa, por momentos, passar do irónico ao propriamente cómico. Deixemos em 28-XI-89 este «1.º addido à Legação da Cabula» para, três semanas depois, o encontrarmos candidato ao Pégaso.

II

Dos três documentos editados, este é o único que pode ser rigorosamente considerado uma carta. Mais uma vez, o suporte material da escrita importa, acrescido do facto de o texto estar aqui aparentemente completo, todas as instâncias epistolares apresentando-se formalmente preenchidas. Repare-se (facto a ter em conta na totalidade das cartas do A.) que a dupla folha de papel está de novo completamente preenchida. Voltamos, agora, a interrogar-nos sobre a existência desta carta aqui. Terá ela, por esquecimento de Augusto Nobre, ficado esquecida no Porto, no momento da devolução do lote, vindo depois a integrar o Espólio? Ou será ela também um rascunho? Repare-se que, embora menos numerosas que em I, há também aqui várias passagens corrigidas. As duas hipóteses me parecem possíveis.

De qualquer modo, este é o único caso em que estamos perante um texto completo. Singularmente coerente, baseia-se na apercebida estada do amigo enchendo-se de verde numa Nazaré ao mesmo tempo referência exacta e figura alusiva. Por sobre este quadro agradável e ironicamente bucólico, que o retratista *in absentia* lamenta, com um leve ciúme difuso, não poder partilhar, traça este um novo quadro da Coimbra da época que, utilizando o seu divertido galicismo, só não é de «epatar» porque todos nós temos a experiência de assembleias estudantis e assembleias não estudantis onde, com a devida adequação histórica, facilmente reconhecemos os «graciosos, atirando estocadas de ditos, de camarote a camarote, n'uma sedenta furia de renome, que de resto só isso è o que agora e sempre agitou o coração destes nossos contemporaneos».

A carta, que, como I, mostra que Nobre podia ser um displicente mas argutíssimo cronista, termina com uma elegante identificação com o amigo, a quem entrevê «pastando alma nas collinas da Paz».

III

Olhando para o fac-símile de III, facilmente se entende porque lhe chamei carta incompleta. Estamos perante um texto limpo. Talvez até limpo de mais (tem apenas duas pequeníssimas rasuras) para ser produzido ao correr da pena. Foi cuidadosamente escrito e sem precipitações abandonado sem concluir nem o preenchimento da folha, facto inabitual, nem o fechamento lógico do texto (no que II representa um contraste exemplar). Que poderá ter acontecido? Que tipo de situação temos aqui? E, uma última vez, porque se encontra esta carta no Porto? Creio que estamos ainda perante um texto problemático.

Datada de Novembro de 1891, aproximadamente contemporânea da escrita de «Sto. Alberto», o soneto estudado nas p. 87-116 desta revista, a carta é de

uma extraordinária beleza. Nos dois anos decorridos entre as duas primeiras e esta, o relacionamento com Alberto de Oliveira tinha-se estreitado até um ponto que o tornaria absolutamente ímpar para António Nobre, talvez também para o jovem Alberto. Como consequência oficial das duas reprovações consecutivas em Coimbra, Nobre partira em 90 para Paris, instalando-se assim na sua vida a grande figura da separação. Uma separação que, embora sem carácter definitivo, se afigurava intolerável. É então que a correspondência entre ambos vai atingir o seu verdadeiro apogeu, ponto que, a avaliar pelos eloquentíssimos fragmentos que dela puderam ser publicados, me parece difícil de ultrapassar. Só uma relação muito intensa poderia ter dado origem às significativas páginas inseridas na *Correspondência* por G. de Castilho e à singularíssima fidelidade que fez com que, durante anos, os poetas escrevessem diariamente um ou vários postais, para além de cartas, um ao outro. Ora, se, da parte de Nobre, esta relação foi intensa, ela foi também extremamente tensa. Nem outra coisa era de esperar de quem, nos tempos de Coimbra, já largava sem contemplanções gazeta e costeleta e já tinha, no fulgor dos vinte anos, escrito os «Males de Anto».

Hipersensível, vulnerável, lidando agora com uma correspondência que sublimava tudo o que o tolerável dia-a-dia lhe ia pondo no prato e ele deixava arrefecer, o poeta manifesta frequentes e radicais mudanças humorais, às vezes desencadeadas por pormenores que nos parecem insignificantes: uma passagem de um texto de Alberto, a sua assinatura, o papel em que este lhe escreve; narra atrasos no «Diário», insinceridades, mesmo a vontade de acabar com esse verdadeiro modo de vida.

Assim, tendo em conta que em outras ocasiões o poeta hesitara em enviar o que tinha escrito, podemos entender melhor a fragilidade desta escrita banhada por um raro êxtase. Teria António Nobre de facto mandado esta carta incompleta a Alberto de Oliveira? Nesse caso, teria ela, como provavelmente aconteceu com II, ficado esquecida nas mãos do já idoso irmão Augusto, vindo depois para o Espólio da B. P. M. P.? A hipótese de tratar-se de um rascunho, provável para I e II, julgo que, perante o aspecto gráfico do documento, tem de ser radicalmente eliminada; pelo contrário, facilmente acreditaríamos que III é cópia passada a limpo de rascunho anterior. Fica a dúvida, de novo absolutamente viável, de esta carta nunca ter sido enviada e ter ficado cuidadosamente guardada pelo A. nos seus papéis. Reparemos bem: fala-se no início numa carta como a de «hontem», referindo-se este lexema não à data de envio da mesma mas, evidentemente, à data da sua chegada a Paris. Nobre deixara a resposta (ou a cópia aperfeiçoada da resposta) para o dia seguinte, havendo a expectativa de que, escrevendo diariamente os amigos, diariamente receberiam correio. Bastaria que o correio do dia seguinte, se calhar chegado depois da frase «(atrás dos montes)», fosse menos perfeito do que o imediatamente anterior para que Nobre, na sua dolorosa sensibilidade, simplesmente suspendesse esta carta. Ou

que, ao copiá-la cuidadosamente, tivesse chegado à conclusão de que o seu envio poderia, por excessivo, ser prejudicial à «Psicologia» Anto/Alberto²⁶. É bem possível que os documentos que agora se publicam nunca tenham saído das mãos de Nobre, durante a sua vida.

Esta é uma carta de sentimento. Melhor dizendo, de sentimento trazido-na-lapela. Porque à mistura com algum sadomasoquismo que levemente atravessa o início da carta, é desde logo um século que exaltou o erotismo do coração que prontamente nos salta à cara. Com a sensação de incómodo ou mesmo de obsceno que a sua inactualidade possa provocar. «Tout ce qui est anachronique est obscène [escreve Roland Barthes]. Comme divinité (moderne), l'Histoire est répressive, l'Histoire nous interdit d'être inactuels.» «(Renversement historique: ce n'est plus le sexuel qui est indécent, c'est le *sentimental* — censuré au nom de ce qui n'est, au fond, qu'une *autre morale*.)»²⁷

Esta é uma carta de paixão. Uma paixão que fragmentária e esplendidamente se revelava na correspondência já publicada, mas em lugar algum tinha assumido o puro êxtase que aqui exprime através do preenchimento das figuras inerentes ao discurso amoroso. E torna-se claro que sobre a referencialidade deste texto nenhum acto de verificação pode, sequer, formular-se. Não sabermos nunca, nem isso importa, se o poeta foi ou não a uma igreja próxima (onde nunca existiu, à letra, uma «Nossa Senhora do Anthero»), muito menos se se sentou numa cadeira de palhinha; ou se terá deixado arrefecer os ovos. Sabemos, sim, que emprega coerentemente estes signos para criar a expressão perfeita da paixão, onde o nível da sobrevivência é simplesmente erradicado, e os pormenores necessários à concretização dos gestos amorosos acontecem numa concertação solidária. A «linda cadeira de palhinha» produz ao mesmo tempo uma sensação de beleza e a ilusão referencial a que Barthes chamou efeito de real²⁸. E confirmamos que o signo literário, mais ainda do que qualquer outro, é, como lapidadamente lembrou Umberto Eco (e a despeito da indiscutível sinceridade que a situação epistolar supostamente implica), aquilo que serve para mentir²⁹.

A vários níveis, a verdade irrecusável desta carta, objecto histórico muito marcado, é, aliás, apenas viabilizada pela co-presença da mentira. Melhor dizendo, de insidiosas ficções que Nobre toda a vida para si caritativamente teceu, sendo a última, dilacerante para quem segue *pari passu* o seu itinerário biográfico, a da cura da tuberculose que irremediavelmente o ia destruindo. Escusado será lembrar que essas ficções, sobretudo para alguém de pendor tão narcisista, tinham, digamos, não o contorno exacto do desejo mais rigoroso, mas o contorno próprio das figuras prescritas.

E o que parecia desejável, mesmo prescrito, a um jovem da burguesia portuense de há cem anos? Um curso universitário de elite, com futuro — aborrecido ou não, o de Direito em Coimbra; uma passagem por Paris; o ingresso na carreira diplomática; uma camaradagem ímpar, prolongada, com outros rapazes

durante a mocidade; a iniciação sexual geralmente com prostitutas; o namoro e noivado com uma menina prendada, conveniente, se possível decorativa; por fim, o casamento, assegurando estabilidade e descendência. Todas estas figuras, Nobre teve o cuidado de as assegurar, antes de mais, para si próprio, fossem quais fossem as voltas, certas ou traiçoeiras, que a vida o obrigava a ir fazendo. Com tanta eficácia o fez, sobrepondo-as às potentes armadilhas textuais do *Só*, que quase toda a gente acreditou que o seu grande amor foi Margarida de Lucena, sempre dita a «Purinha».

Esse efeito ilusório não se deve, no entanto, apenas à sua capacidade de persuasão de si próprio e dos outros, marcado que estava por códigos morais tão historicamente datados. Também o olhar dos leitores é necessariamente histórico e, num poeta tão doce e conveniente como era o autor de «Os Sinos» ou «O Sono de João», os leitores foram lendo o que lhes era revelado mas também o que efectivamente queriam ler³⁰.

Que dizer então das variadas meninas a quem António Nobre foi concedendo sucessivamente alguma atenção, e entre as quais ocupa mais longa paciência, a nível de tempo diegético, aquela a quem chamava Margareth? Que elas formam uma sequência de objectos inadequados para um impulso amoroso à procura de um objecto no qual ancorar. Doce cantiga de roda onde a figura do centro, por mais que mude, nunca acerta no par. Leia o leitor, tiradas as cómodas sandálias, as cartas para ou sobre estas simpáticas meninas e verá que o relacionamento com elas foi sempre superficial, passando tantas vezes do agradável ao entediante, que se torna até alívio acabar. É disso um bom exemplo o modo como António Nobre descreve o seu tédio progressivo em relação à inglesa Charlotte: derivado da sua maneira desagradável de dizer «mantéeiga»³¹!

O namoro de que nos ficou uma documentação mais vasta e até mais canónica em termos de época foi o que o poeta manteve com Cândida Ramos, entre 1885 e 1886. Dele estão publicadas as cartas a Cândida e igualmente as cartas de Cândida³². O que fornece um conjunto de informações preciosas, quer sobre a vida social do Porto, na época, quer sobre o jogo, regadíssimo, dos namoros de então. Baseavam-se estes em cartas trocadas com a ajuda de criados, em sucessivas e rituais aparições à janela, em trocas de olhares nos concertos e, em certas situações, algumas palavras trocadas no Palácio de Cristal ou, na estação balnear, um pouco mais permissiva, em Leça da Palmeira. Fica-se com a sensação de que António Nobre, muito jovem ainda e namorando uma menina habituada a ser cortejada, jogou relativamente convicto as regras de um jogo em que, nesta partida, os parceiros eram mais ou menos equilibrados.

E é curiosíssimo notar como em certas cartas ensaia já o que, mais tarde, se tornará *pivot* da sua correspondência com Alberto de Oliveira: o emprego do tempo descrito dia a dia. Estas cartas ditas de amor, onde o sentimento deveria ser o suporte, são, na repetição (obrigatória?) de dizer que se ama (muito!), algo

Nó fôr deus - me use



monótonas e pouco convincentes. Elas exprimem, por um lado, uma expressão de sentimentalidade datada, onde outros assuntos, uns largos anos antes do vendaval desencadeado por Álvaro de Campos, correm o risco de parecer... ridículos. Repare-se no que escreve Nobre a propósito de uns pormenores logísticos em que entrou certa vez: «Estranharás, talvez, que eu traga para estas cartas de amor, coisas tão pouco amorosas, tão caseiras, tão ridículas»³³. Aliás, o que Nobre lucidamente critica nas raparigas da época, aplica-se-lhe sem crueldade: «[...] hoje todas [...] as meninas namoram, porque é moda namorar; porque é *chic*... Não têm amor. Querem, apenas, ser lisonjeadas na sua beleza. Querem *figurar*, como vulgarmente se diz, tendo nos teatros, na missa, nos passeios, um rapaz que lhe (*sic*) faça a corte e lhe (*sic*) diga galanteios. Nunca queiras ser, assim»³⁴. Mas estas cartas revelam-se ainda fundamentais porque nelas assoma a vontade de um outro tipo, avassalador, Romântico, de afecto: «Eu quero que me ames muito, extraordinariamente; se não me amares, assim, antes não quero que me ames»³⁵. As lágrimas, reais ou ficcionadas, mas desejadas como figura máxima de todo o sentimento («E chorar? Chorar ainda não, porque tu também não choras por mim; mas se um dia me mandares dizer que choraste, então que remédio tenho eu? Chorar, também, por ti...»³⁶), as lágrimas terão de esperar muito tempo.

Quanto a Margarida, que vai crescendo durante a sua estada em Paris, e relativamente à qual sempre tive a sensação de que alguns obstáculos entrevistos eram ficcionalmente aumentados, no sentido de inconscientemente acicatar o desejo, fica-se simplesmente pasmado ao encontrar em 13-VII-1893, entre uma série de páginas mais ou menos mornas, a passagem «Gostas de ler livros? Estimava levar-te alguns para leres, mas não sei quais são os que preferes»³⁷. Melhor dizendo, fica-se pasmado se não tivermos em conta a (preciosíssima a este nível) correspondência com Cândida Ramos. Porque a esta luz torna-se, a meu ver, evidente que o lugar, tanto tempo vago, da paixão, está preenchido por aquele para quem, agora, o poeta escreve um persistente, caprichoso e dedicadíssimo diário epistolar. Que tempo e que papel, nesta maré de afecto exclusivista, sobram para qualquer outra pessoa? Muito pouco, evidentemente. E Margarida (sem qualquer menosprezo pela crédula e gentil menina que decerto foi), deixada adolescente na Estrada da Beira, servia idealmente para sustentar a imagem prescrita, ao lado da qual passava, sobre todos os diques da conveniência, a torrente fortíssima da paixão. Enquanto esta durou, nunca Nobre teve sequer de cumprir os obrigatórios rituais de olhares à janela ou de encontros com a criada de confiança que levaria uma carta, uma folha de hera, um malmequer. Purinha? Uma doce figuração de branca espuma que o poeta viu e mostrou na sua imagem, ao espelho. Que só no Verão de 1893, após a ruptura com Alberto, lhe mereceria a dedicação quotidiana de um namoro de praia.

Repare-se que apenas três dias antes de lhe perguntar se gostava de ler, isto é, mais de um ano decorrido da edição do *Só*, lhe prometera o poeta o

envio de um exemplar do livro³⁸. Mais um ou dois exemplos, entre os muitíssimos que saltam à vista: Em carta de 12-XI-1891, bem próxima de III, responde a Alberto, que lhe envia notícias de Margarida: «Mas disse eu ao acabar de ler a tua carta: 'Amo-a eu?' Não sabia responder: sim ou não. Dois anos são idos. Entretanto, se agora me viesses tirar a ilusão do meu Lar-com-Margareth, sofria imenso. Certamente que não sinto por Margareth uma tortura de coração que me tome os sentidos e os pensamentos de 24 horas: um calmo amor nasce, muito brando, muito doce, — e só de longe em longe se me faz horrível e anseio de a ver, tão alta e crescidinha, contas tu.»³⁹

Só no Verão de 93, como vimos, o convívio com Margarida vai ter a regularidade possível de uma época de banhos na Figueira. Na mesma carta, atrás citada, em que lhe perguntava se gostava de ler, Nobre traçava os calmos planos de um namorado irrepreensível: «É preciso que na Figueira nós consigamos falar todos os dias, isso na praia é muito natural e simples, — e espero bem que tu o consigas. Só depois disso é que nos compreenderemos melhor. E quando se tem dezasseis anos quem sabe se isso não aborrece? Mas não é verdade que tu és uma mulherzinha? Na Figueira faremos por conversar todos os dias que isso na praia é mais simples e nada reparado: pena é que eu não tenha lá senhoras minhas conhecidas que o sejam tuas também que nesse caso nada mais fácil. Se a Senhora D. Conceição fosse para lá este ano!»⁴⁰ Demasiado irrepreensível, assimétrico (Margarida merece o afável tratamento que um adulto concede a uma criança) e alimentando-se da ilusão de uma «Purinha» em construção, junto de quem se espera que a influência de D. Conceição Ramires venha dar o acabamento primoroso, como o poeta escreve a Adolfo Ramires, nesse mesmo Agosto: «Aconselhas-me na tua carta que não gaste o meu amor com Margareth, queres dizer, que conserve algum para o futuro. Escusada a tua recomendação, que eu não sou de paixões, de entusiasmos, — e prefiro antes uma serena afeição muito doce e sossegada. Margareth precisa ainda de bastante Nossa Senhora da Conceição»⁴¹ e espero que a convivência que ela aí vai ter na Quinta Regional, acabará por fazer de Margarida uma Purinha. Tu dizias bem: aquela Família é toda de Santos, Pai, Mãe, Irmãos. Até é uma pena que andem cá por fora, que o seu lugar é na capela de Vil'Alva, para a gente lhes acender velinhas e os adorar.»⁴²

Impossível não concordar. O lugar de Margareth é o de quem santamente, maternalmente, tomará conta da capela ou de toda a casa. E eis-nos, de novo, em III. É com o pacífico apoio dessa ficção paralela, prescrita ou análoga da prescrita, que brota progressivamente o discurso da paixão. Uma paixão que Nobre, suponho, nunca por amor-próprio admitiu como tal, mas que sofreu na plenitude das suas fases necessárias: surgimento, auge, dolorosa ruptura. Uma paixão para a qual não funciona a explicação simplista de uma qualquer dico-

tomia biológica; porque acontece num vazio onde igual relação com uma mulher seria matematicamente impossível⁴³.

Não há, aliás, em Nobre, laivos de misoginia. Uma misoginia polimórfica que assoma, mais ou menos discreta, num simples corte diacrónico que vá, por exemplo, da geração de 70 a *Orpheu*⁴⁴. Pelo contrário, no tempo de Coimbra, chega o poeta a desejar ver Porcina vestida de estudante a seu lado nas aulas⁴⁵.

Aceitando aparentemente sem atritos as regras da época, António Nobre viveu o tradicional convívio monossexual entre homens, que abrangia desde a mais aturada troca de opinião, do ponto de vista intelectual, à impensada ou comprazida partilha da única nudez consentida⁴⁶. Nada admira que, de entre os que seleccionara para amigos, tendo aparecido um adolescente excepcionalmente precoce, paciente e disponível para ouvi-lo, admirá-lo, segui-lo, poeta *quantum satis* para lhe fazer companhia, inteligente bastante para lhe merecer uma troca de pontos de vista ou mesmo uma discussão, suficientemente franco para exprimir a sua opinião⁴⁷, esse ser viesse a ocupar um lugar que tinha todas as probabilidades de continuar vago.

Porque é absolutamente evidente que a certas personalidades é necessário um entendimento muito profundo, uma evidente partilha da experiência estética. Isso (que implicaria a efectiva e raríssima possibilidade de um convívio com mulheres) nos dá a entender, na dolorosa contensão discursiva que lhe é habitual, um poeta da mesma geração de Nobre, Camilo Pessanha. Da leitura do volume de trinta e três cartas organizado, há menos de dez anos, por Maria José de Lancastre⁴⁸, confirma-se que Ana de Castro Osório, a quem pede, anos mais tarde, de Macau, o prazer de ver chegar (apenas!) o endereço escrito pela sua mão⁴⁹, foi decerto o grande amor não correspondido, silenciado, do poeta. Da rara felicidade desse encontro, digamos que logicamente irrepetível, dá Pessanha conta, com desarmante simplicidade, a Alberto Osório de Castro, irmão de D. Ana, seu amigo íntimo: «E, se, de tantos homens que por ahí conheço, só em quatro encontrei afinidades bastantes para poder viver com elles, que mulher, das poucas que eu poderia conhecer, teria commigo as mesmas afinidades?»⁵⁰ Irrepreensível lucidez.

Quanto a Eça, um pouco misógino atrás de Fradique, na narração de *O Primo Basílio* e na luxuriante correspondência com os amigos, especialmente com Ramalho Ortigão⁵¹, escreve em 1885 ao Conde de Resende, a propósito do seu rápido e algo inesperado noivado com D. Emília, sua irmã: «[...] eu mesmo lhe faria saber se estes espantosos costumes que nós conservamos do sr. D. João V permitissem que um homem e uma rapariga comunicassem directamente sobre coisas que mais podem interessar a sua vida interior»⁵². À noiva, a quem ainda se dirige por «Minha Senhora», explicita a questão nestes termos: «Faltou pois nas nossas relações esse lento desenvolvimento e transformação que faz com que se passe insensivelmente das formas da simples simpatia às formas

mais carinhosas da perfeita união de corações⁵³. Seguindo esse noivado epistolar — Eça permanecia, então, em Inglaterra —, descobrimos o esforço com que a correspondência se torna diária e vai adquirindo progressivo à-vontade na verbalização do amor. E é curiosíssimo ver Eça, homem e escritor experimentado, em dificuldade com os finais das cartas (onde em geral o afecto é especialmente explicitado) e recorrendo aí, muitas vezes, ao francês e ao inglês.

Para estes homens, que exigiam do mundo uma experiência global, absoluta, a quem a sociedade atribuía em geral um contacto codificado e insatisfatório com as mulheres, a amizade exaltada representava a grande partilha estética possível. (Não é decerto por acaso que a excepcional George Sand, escritora, infringindo galhardamente as regras sociais da época, atravessa tão fortemente a vida de vários intelectuais do Romantismo, em França.) Mas os contornos da amizade são fluidos; começará a haver momentos em que a partilha do mundo implique a pele; ou, sem dela ter consciência exacta, a falar a linguagem da paixão. E a movente fronteira atravessa-se num curto passo. Passo que não foi dado por Eça nem talvez mesmo por Sá-Carneiro, ambos vivendo, como António Nobre, o afastamento que acomete ao correio o papel da jogada decisiva da qual depende o mundo. Que o passo era curtíssimo, assumiu-o precisamente o muito jovem Sá-Carneiro em *Amizade*⁵⁴. Ora o que parece evidente é que, em certas circunstâncias, essa translação de sentimentos-limite não ocorre apenas entre homem e mulher mas igualmente entre pessoas do mesmo sexo. Do que, aliás, a obra narrativa do mesmo Sá-Carneiro não é isenta.

O que aqui está em causa não é, por isso, redutível à fundamental dualidade de sexos dos seres humanos. É muito mais simples e mais fundo do que isso, na medida em que o amor é, antes de mais, desejo do amor. Num certo momento alguém fala a linguagem que o outro quer ouvir. E ocorre-nos o primeiro dos *Trois Contes* de Flaubert, a pequena obra-prima intitulada *Un Coeur Simple*, que narra a vida de uma pobre e bondosa criada, de cujos afectos o autor faz o resumo seguinte: «Elle aime successivement un homme, les enfants de sa maîtresse, un neveu, un vieillard qu'elle soigne, puis son perroquet; quand le perroquet est mort, elle le fait empailler et, en mourant à son tour, elle confond le perroquet avec le Saint-Esprit⁵⁵. Assim o papagaio Loulou, mais irrisório ainda do que em vida porque embalsamado, faz com que a pobre e velha personagem que mais nada tem atravesse a morte no mais suave êxtase.

Noutro cenário, desprovida de qualquer passado ou presente que não seja uma pequena língua de areia numa ilha deserta, a absoluta solidão de um homem sem tempo é quebrada pelo imprevisto aparecimento de um meigo e estranho animal. Uma separação intolerável acaba por levar o homem (ou melhor, ambos) à morte. Qualquer leitor reconhece aqui a breve diegese desse outro texto espantoso que é a «História do Peixe-Pato» de Jorge de Sena⁵⁶.

Esta é uma carta de sentimento. Que fazia falta na epistolografia portuguesa. Uma epistolografia por mais do que uma voz tida como pobre⁵⁷ e onde, paradoxalmente, num povo que se considera sentimental, tantas vezes se revela uma forma de exprimir o sentimento cheia de censuras ou de exteriorizações hipertrofiadas, infantis, algo canhestras⁵⁸.

Esta é uma carta de paixão. Sem o mínimo tributo à «epistolografia de circunstância»⁵⁹ a que, numa outra era de comunicações, como justamente salienta André Crabbé Rocha, os escritores pagaram inevitável quota. Como tantas vezes Nobre fez. Texto puramente inútil, abraçado às ficções infantis que epidermicamente o suportam, sobre elas traça, num quadro de sublimação da posse onde figuras de circulação universal (o beijo, as lágrimas, morrer de amor) se conjugam com outras de cunho especificamente nobriano (chuva de leite), o risco raro, utópico, da abolição do tempo, sabor íntimo da experiência contemplativa.

Este é um texto de paixão. Ingénuo e fragmentário, galga todos os diques que para si o A. traçou e nós mesmos lhe fomos traçando. Na sua devastadora fixação erótica, contrapõe-se ao «espraiamento de sensibilidade»⁶⁰ afixado em cada página do *Só*, cuja outra face tantas vezes nos soa a falência. Este é um texto de paixão: fazia falta na obra do poeta. Na sua estética veemente, iluminante, absoluta, toca o *Amor de Perdição* que todos cremos, compensa-nos da poesia romântica, do *Werther* que não tivemos. Fazia falta na literatura portuguesa.

Este é um texto de paixão. De uma inequívoca paixão escrita, irredutível, criando a perfeição onde podia ter havido pregas, grossas costuras, quotidiano. Como um poema (inacabado), espelha, depois de todas as rasuras, única, sem cedências, a perfeição da escrita. Este é um texto feliz.

E agora? O agora é connosco. O texto (que, acredito, o autor nos deixou), mesmo fazendo falta, esperou cem anos para ser publicado. Será talvez altura de secar as lágrimas de júbilo e convocar a face irónica de António Nobre, arcanjo, nosso irmão⁶¹.

¹⁸ Cf., para além da *Correspondência*, cit., António Nobre, *Cartas e Bilhetes-Postais a Justino de Montalvão*, Organização de Alberto de Serpa, Separata do *Boletim da B. P. M. P.*, n.º 2, s/d.; Aníbal Pinto de Castro, «António Nobre, Alberto de Oliveira e o Editor França Amado — Correspondência Inédita», Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 2.ª parte, Coimbra, 1979; António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, Leitura, Prefácio e Notas de Mário Cláudio, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Manuscritos Inéditos da B. P. M. P., 1981; António Nobre, *Primeiros Versos e Cartas Inéditas*, Organização de Viale Moutinho, Lisboa, Editorial Notícias, 1982.

¹⁹ *Vida e Obra de António Nobre*, 3.ª ed., revista e ampliada, Lisboa, Bertrand, 1980.

²⁰ Cit., p. 9-34.

²¹ Augusto Nobre, *Leça da Palmeira. Recordações e Estudos de Há Sessenta Anos*, Porto, 1945.

²² *Só*, 1.ª edição, Paris, Léon Vanier, 1892, p. 41.

²³ *Correspondência*, cit., p. 80-1: «Não escrevi e gastei, ou antes estraguei duas folhas de papel: uma por hesitar na preferência das minhas duas *addresses* — Beco da Carqueja, 114 Correio; outra porque em meio da escritura, cansei, indo-me atirar cheio de melancolia para cima da cama. [...] está a custar-me, como uma penitência, escrever esta carta, e ainda vou no fim da segunda página, e o bico custa-lhe tanto tomar a tinta! [...] Vem, amanhã! [...] felizmente chegou o fim da última página e só tenho espaço para dar-te as 'Boas-Noites'; p. 94: «... e adeus, não há mais papel. Abraça-te António»; p. 134: «Ó Alberto para que hei-de ter a neurose de encher sempre uma folha de papel até ao fim? Se não fosse ela teria esta carta terminada na parte final da entrevista Eça [...] E, demais, ainda por causa dessa neurose, vou talvez perder a posta, estou a arrelhar-me todo, cansadíssimo, mão gelada que mal sustenta a minha pena — outra neurose que tanto me custa e, contudo continuarei a suportar»; p. 162 e 164: «Vou na terceira folha e ainda não te disse... [...] Já agora continuo nas entrelinhas, para acabar com todos os assuntos em dívida. O papel está no fim; só me resta uma ou duas folhas para a carta que encetei para ti [...] e ainda não concluí.»

²⁴ Diminutivo corrente de António Homem de Melo, condiscípulo de Coimbra e amigo do poeta. Viria a ser pai de Pedro Homem de Melo.

²⁵ Cf. Roland Barthes, *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977, p. 187-9.

²⁶ «Psicologia» é um termo que o poeta emprega com frequência para designar a terceiros, às vezes intermediários, os meandros dos seus namoros. Cf. *Correspondência*, cit.

²⁷ *Fragments...*, cit., p. 210 e 209, respectivamente.

²⁸ «O Efeito de Real» in AAVV, *Literatura e Semiologia*, Rio de Janeiro, Vozes, 1971, p. 35-44.

²⁹ *Tratado de Semiótica General*, 2.ª ed., Barcelona, Lumen, 1981, p. 31: «La semiótica se ocupa de cualquier cosa que pueda considerarse como substituto signifiicante de cualquier cosa. Esa cualquier otra cosa no debe necesariamente existir ni debe subsistir de hecho en el momento en que el signo la represente. En ese sentido, la semiótica es, en principio, *la disciplina que estudia todo lo que puede usarse para mentir*. / Si una cosa no puede usarse para mentir, en ese caso tampoco puede usarse para decir la verdad: en realidad, no puede usarse para decir nada. / La definición de 'teoría de la mentira' podría representar un programa satisfactorio para una semiótica general.»

Numa carta posterior, torturada, de 25-XII-1891, há uma referência a um dos factos narrados em III: «Pálido e magrinho como a vela de cera que uma tarde acendi à Nossa Senhora de Antero, dizendo enternecido e a beijar-te em sonhos: 'Dá saúde, talento, felicidade ao Alberto!'» (*Correspondência*, cit., p. 168). Efectivamente, a passagem nada comprova, podendo ser uma verdade sobre uma verdade ou uma mentira sobre uma mentira.

³⁰ Bipolarizador, suscitando adesões beatíficas tão facilmente como viscerais repúdios, Nobre mereceu a Jorge de Sena, na fundamental entrada «Amor» incluída no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João José Cochofel (Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1.º vol., 1977, p. 217-46), as seguintes afirmações: «Grande parte do extraordinário êxito de António Nobre, e a explicação da repulsa que a gente mais jovem de hoje sente por ele, residem em ele ter sido, como ninguém, a personificação simbólica e simbolista da castração tradicional. Quando uma vez Teixeira de Pascoaes disse, perfidamente, que Nobre era 'a maior poetisa portuguesa' não disse uma piada, mas uma verdade terrivelmente profunda. O infantilismo de Nobre, a sua homossexualidade que se desconhece, o seu desejo de uma mulher que seja a *purinba*, o seu efeminamento de homem *à femmes* sem mulheres, a sua concepção do sexo como uma besta que há que alimentar a certas horas, o seu narcisismo adolescente, são, ao nível do génio e da grande poesia, o mais completo e mais sinistro retrato do solipsismo lusitano [...], que se compraz masoquisticamente na ideia da morte, para fugir ao sadismo essencial à agressividade sexual, ou escapar à naturalidade de aceitar o sexo em si mesmo.» Este desassombrado, corajoso e saudável juízo que julgo que Sena nunca desdiria (mas ao qual, num outro contexto, daria talvez matizes um pouco diversos), insere-se, aliás, numa implacavelmente lúcida síntese de onde cito, para melhor enquadramento do excerto, a conclusão: «Mas sucede que, no amor e no sexo, como em tudo, se requer, menos do que tempo, *espaço*, no sentido de dimensão psicossocial da liberdade erótica — e isso é incompatível com as quatro paredes da incestuosa aldeia mental que os portugueses transportam consigo pelo mundo, ou erguem à sua volta no país, e em que a liberdade do sexo (bem maior que a de outros povos) se reduz a uma espécie de convivência clandestina. São as duas faces inevitáveis de uma moral de senhores e de criados, que mutuamente se servem mas não são servidos, e que ficaram criados, quando deixaram de ser senhores.»

Recentemente, Isabel Cardigos («Os Figos Pretos» de António Nobre», *Colóquio/Letras*, n.º 120, Abril-Junho de 1991, p. 25-40) mostrou como a análise de um dos poemas pouco amados do A., vista com um novo olhar, pode ser reveladora de pistas que extravasam talvez a conclusão que ela própria elabora: «Em «Os Figos Pretos», Nobre adere ao que nos valores «fêmeas» é difícil, ao pôr em confronto — num debate sobre figos e figueiras — duas vozes que se polarizam modulando constelações: em torno da voz masculina, dominante, a lei, a ortodoxia, o sagrado, o poder estabelecido, a tradição; e com ela, a surda rigidez, o ódio, o medo, a distância. Em torno da voz feminina, subversiva, a natureza, a heresia, o profano, a marginalidade, a esperança; e com ela, a emoção atenta, o amor, a alegria ousada e próxima. Bastaria este poema para nos levar a repensar «o feminino» em António Nobre num contexto mais vasto e mais profundo.»

³¹ *Correspondência*, cit., p. 103.

³² António Nobre, *Correspondência com Cândida Ramos*, cit.

³³ *Ibid.*, p. 75.

³⁴ *Ibid.*, p. 60.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Ibid.*, p. 54.

³⁷ *Correspondência*, cit., p. 182-3.

³⁸ *Ibid.*, cit., p.181. A Biblioteca Pública Municipal do Porto possui um exemplar do *Só*, com dedicatória autógrafa a Margarida, que foi muito recentemente publicado em edição fac-similada (António Nobre, *Só*, *Edição Comemorativa do Centenário da 1.ª Edição chez Léon Vanier, Paris, 1892*, Missão Permanente de Portugal junto da UNESCO, Paris, 1992; textos preliminares de José Augusto Seabra, José Santos Teixeira e Luís Cabral). Neste exemplar, corrigido em vista da 2.ª edição, alguém (talvez o próprio A.) tentou apagar a dedicatória. Pessoalmente, estou convencida que o exemplar em causa nunca foi o da «Purinha», se é que ela chegou a ter algum. O que é inquestionável é que a Biblioteca Geral da Universidade de

Coimbra possui o exemplar oferecido pelo poeta à mãe de Margarida, D. Florinda de Lucena, alguns dias depois da sua impressão. (Devo a consulta do referido volume a uma indicação do Professor Aníbal Pinto de Castro.) Faço uma análise detalhada deste assunto em «António Nobre: les intimes contraintes (questions de métrique)», *Revista da Faculdade de Letras do Porto* — L. L. M., 1992, nota 14, p. 142-4.

³⁹ *Correspondência*, cit., p. 157.

⁴⁰ *Ibid.*, cit., p. 183.

⁴¹ Trocadilho com o nome (e pressuposta santidade) de D. Conceição Ramires, mulher do destinatário da carta.

⁴² *Correspondência*, cit., p. 193.

⁴³ Cf. Michelle Perrot *et alii*, *História da Vida Privada*, vol. 4, *Da Revolução à Grande Guerra*, Porto, Afrontamento, 1990.

⁴⁴ Cf., a título meramente exemplificativo e em formas mais ou menos discretas, Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, Porto, Lello & Irmão, s/d.; *Antologia do Futurismo Italiano — Manifestos e Poemas*, Organização, Tradução, Introdução e Notas de José Mendes Ferreira, Lisboa, Vega, 1979; Fernando Pessoa, «António Botto e o Ideal Estético em Portugal», *Páginas de Doutrina Estética*, Selecção, Prefácio e Notas de Jorge de Sena, Lisboa, Inquérito, 1946, p. 59-79; Almada Negreiros, «Histoire du Portugal par coeur», *Obras Completas*, vol. 4, *Poesia*, Lisboa, Estampa, 1971, p. 101-5.

⁴⁵ *Correspondência*, cit., p. 58: «Não sei se ela tem saudades de mim; eu confesso-te que tenho muitas dela e o meu maior desejo fora que ela vestisse umas calcitas, uma batina, uma capa, pusesse na cabecita um gorro, e de livros debaixo do braço se assentasse a meu lado nas aulas da Universidade.» Em «António Nobre: a Rainha e a Torre», o corajoso prefácio que escreve para a edição de *Correspondência com Cândida Ramos*, cit., Mário Cláudio, na p. 35, inclui esta passagem nos exemplos que dá de «transvestimento». Pessoalmente, inclino-me mais para ver aqui, relativamente à mulher que lhe ocupa, na época, a atenção, uma vontade de companheirismo que os hábitos da sociedade contemporânea absolutamente inviabilizavam, só o permitindo entre homens.

⁴⁶ Cf., por exemplo, a evocação dos banhos em pelote, nos domínios dos Montalvões, junto do rio Leça, feita por Raul Brandão, *Vale de Josafat*, 3.º vol. de *Memórias*, Lisboa, Seara Nova, 1933, p. 153-61.

⁴⁷ Apesar de não se ter tornado um grande poeta, Alberto de Oliveira, menino-prodígio que entrou para a Universidade com 14 anos, tendo ficado licenciado com 19, escreveu e publicou muito cedo poemas com certa qualidade literária (*Poesias*, Coimbra, António F. Viegas Editor, 1891). Que, em relação à poesia de Nobre, não havia puro deslumbramento mas efectiva troca de opinião, mostra-o não só o facto de este, por exemplo, lhe ter enviado, com grande sigilo, o grupo dos primeiros poemas do *Só* (cf., nesta revista, «António Nobre: Os Versos Radicais»), mas a passagem, que cito, do pequeno livro de apontamentos (Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, *Espólio António Nobre*, fl. 38v-39): «Pedir ao Alberto o trecho da poesia 'Antonio' (primitivo) que lhe enviei do 31 boul'Mich e de que elle não gostou.»

⁴⁸ Camilo Pessanha, *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*, Recolha, Transcrição, Introdução e Notas de Maria José de Lancastre, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 78 e 83.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁵¹ Eça de Queirós, *Correspondência*, Leitura, Coordenação, Prefácio e Notas de Guilherme de Castilho, 1.º vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

⁵² *Ibid.*, p. 274.

⁵³ *Ibid.*, p. 286.

⁵⁴ Tomás Cabreira Junior — Mário de Sá-Carneiro, *Amizade*, Peça original em três actos, in François Castex, *Mário de Sá Carneiro e a Génese da 'Amizade'*, Coimbra, Almedina, 1971.

⁵⁵ Gustave Flaubert, *Correspondance*, vol. VII, p. 307 e 320 (cit. Édouard Maynial, «Introduction» a *Trois Contes*, Paris, Éditions Garnier Frères, 1969, p. VIII).

⁵⁶ *Antigas e Novas Andanças do Demónio*, Lisboa, Edições 70, 1978.

⁵⁷ Cf. Adolfo Casais Monteiro, «Introdução» a *Cartas Inéditas de António Nobre*, Coimbra, Presença, 1934, p. XVII.

⁵⁸ O exemplo que mais prontamente ocorre é o de *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, Organização, Posfácio e Notas de David Mourão-Ferreira, Lisboa, Ática, 1978. Ver ainda algumas passagens de Mário de Sá-Carneiro, *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita*, Leitura, Fixação e Notas de François Castex e Marina Tavares Dias, Lisboa, Quimera, 1992.

⁵⁹ Andrée Crabbé Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, 2.^a edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 24.

⁶⁰ Adolfo Casais Monteiro, «Introdução», cit., p. XXIII.

⁶¹ Cf. «António Nobre: Os Versos Radicais», cit.

VOUGA, Vera

"Três cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira. Notícia de uma chuva de leite, maré viva sobre todos os diques" / Vera Lúcia Vouga. In: *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 127/128, Jan. 1993, p. 173-202.